

A LAMA

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas - SP

A avó, a mãe e o garoto caminhavam pela trilha de terra na minha direção. Melhor, devido às incessantes chuvas, o caminho era de lama. Parecia que havíamos marcado encontro exatamente num lamaçal. O garoto teria uns sete anos, calçava havaianas. Ouvi a avó dizer: —Toninho, pisa na lama sem sandália. Sente o barro na sola do pé!... A mãe, quieta, apoiava a avó pelo braço e tentava encontrar uma passagem mais segura pela lateral do barro e das poças d'água.

A avó deu uma instrução para Toninho explorar, através do tato do pé, a lama. “Sente o barro na sola do pé!” parecia um convite para saborear um bolo delicioso: “sente como se desfaz na boca...” A avó apresentou um S^D que especificava a resposta a ser emitida (pé descalço na lama) e a consequência reforçadora positiva provável – pelo menos parece ser para a avó, que deve ter aprendido a curtir a sensação da lama na sola do pé como agradável. “Sente o barro...”, disse! É possível que, se o neto seguisse a instrução, ela acrescentasse alguma forma de consequência social reforçadora arbitrária (“Isso mesmo!” etc.) e fizesse comentários que aumentassem o controle do barro sobre as sensações táteis do Toninho, tais como: “Não é macia?”; “Não deixa o pé geladinho?”; “Não escorrega entre os dedos?”; “Não faz ‘coceguinha’?”

A mãe, quieta, aprovava a aula da avó. Devia confiar nela!

A avó estava instalando, de forma arbitrária, uma resposta no neto e orientando-o para ficar sob controle das consequências naturais (as sensações táteis produzidas pela lama) da resposta, em oportunidades futuras. Gostaria que ela tivesse esse mesmo padrão de interação com o neto em outras situações. Ela estava ensinando-o a ficar sob controle das consequências (no caso, reforçadoras positivas) dos comportamentos, dispensando a necessidade de consequências sociais arbitrárias. Assim, por exemplo, a avó poderia dizer: “Toninho, vai lá fora na chuva e sinta a água fresquinha no seu rosto”; “Suba na mangueira e veja como é mais doce a manga madurinha chupada no pé...” etc. *É sabedoria do educador instalar respostas que produzam consequências reforçadoras positivas naturais, ao invés de prover, ele próprio, as consequências*

¹ Janeiro/2011. Texto redigido para a seção COTIDIANO do site www.terapiaporcontingencias.com.br

reforçadoras contingentes às respostas do aprendiz. Note que a avó instala o comportamento que produz o reforço natural (e ajuda o neto a ficar sob controle da consequência), mas *deve esvanecer tal ajuda* e deixar que o neto, por si próprio, generalize e passe a explorar o mundo com ampla variabilidade comportamental, atento (sob controle de) às consequências de cada ação. A fim de tornar mais claro todo o processo comportamental descrito, é oportuno destacar que é perfeitamente aceitável que a avó use controles arbitrários para *instalar* a resposta adequada, desde que o controle arbitrário seja esvanecido e substituído por consequências naturais. Assim, há pelo menos três cuidados a serem considerados. Em primeiro lugar, a resposta a ser instalada deve produzir consequências reforçadoras positivas naturais, pois, se assim não for, sempre haverá necessidade de consequências arbitrárias. Além disso, a criança deve ser orientada a ficar sob controle da consequência natural produzida pela resposta, ou seja, o neto deve ficar sensível às sensações do barro na sola do pé e não ao elogio da avó por ter sido uma criança obediente. Finalmente, tais oportunidades de instalação de respostas devem ser repetidas de muitas formas diferentes (envolvendo diferentes classes de respostas e diferentes consequências naturais) até que a criança forme o conceito “comportar-se e ficar sob controle da consequência produzida exclusivamente pela resposta”.

Vamos um passo além. Suponha que a avó dissesse: “Toninho, cuidado com a lama! Não vá se sujar!” Assim, se desenvolveria o comportamento de observar quais respostas produzem “sujeira” – e a criança aprenderia, neste caso, que sujar os pés não é bom – e quais respostas evitam sujeira e mantêm a limpeza – e a criança aprenderia com tal avó que manter os pés limpos é bom. Em exagero, Toninho poderia vir a desenvolver um repertório comportamental de excessiva preocupação com limpeza e sentimentos associados de ansiedade – quando se sente “sujo” ou “contaminado” – e de alívio – quando evita a “sujeira” ou previne a contaminação.

Outra possibilidade: “Toninho, não ande pela lama que você vai cortar o pé no vidro”... ou “Você vai ser picado pelo bicho” ... ou “Você vai ficar doente” ... ou ... Nestes casos, independentemente da veracidade da preocupação da avó, Toninho não testaria pôr o pé na lama e não faria teste de realidade: existe vidro cortante oculto na lama? Existe bicho vivo no barro picando o pé de crianças descalças? Pisar na lama adoece? Supondo que Toninho ficasse sob controle da avó, ele emitiria a resposta de esquiva e não testaria a presença ou ausência do evento aversivo prognosticado pela avó. Em exagero, poderia desenvolver excessivo cuidado com ferimentos, fobias de bichos, insetos etc., hipocondrias, zelo desproporcional com limpeza etc. etc.

Gostei dessa avó. Não achei a mãe omissa. Provavelmente, filha da avó, deve ter, ela própria, se beneficiado dos procedimentos da mãe.